REVISTA DA ABPN

DOI 10.31418/2177-2770.2021.v13.n.36.p245-258 | ISSN 2177-2770
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

SANKOFA: AUTONOMEAÇÃO E AUTODEFINIÇÃO NO PROCESSO DE REONTOLOGIZAÇÃO DE CORPOS AFRICANOS HOMENS QUE SE RELACIONAM AFETIVO/SEXUALMENTE ENTRE SI

Tiago Rodrigues da Costa[1]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, RS, Brasil.

Higor Luan Santos Camargo[2]
Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia e Sociologia, Pelotas, RS, Brasil.

Resumo: Este trabalho vem com a finalidade de discutir a existência de corpos africanos homens que se relacionam afetivo/sexualmente com outros homens. No intuito de escavar aqui no solo diaspórico, possibilidades de respiro para as nossas raízes Africanas, possibilidade de renascer nossos Baobás. Para que possamos começar um debate sobre nossa pertença a grande família global Africana, e possibilidades de autonomeação e autodefinição à partir do Pan-Africanismo e do Mulherismo Africana. Através de nossas vivências, traremos como nos vimos possíveis de existir em perspectivas múltiplas e possíveis, retomando um processo de autonomeação e autodefinição, para que haja então o início de um exercício de reontologização.

Palavras-chave: autodefinição; mulherismo *africana*; pan-africanismo; reontologização, sexualidade.

SANKOFA: SELF-NOMINATION AND SELF-DEFINITION IN THE PROCESS OF REONTOLOGIZATION OF AFRICAN MALE BODIES THAT RELATE AFFECTIONATELY / SEXUALLY TO EACH OTHER

Abstract: This work comes with the purpose of discussing the existence of African male bodies that relate affectionately / sexually with other men. In order to excavate here in diasporic soil, breathing possibilities for our African roots, possibility of reborn our Baobabs. So that we can start a debate about our belonging to the big African global

[1] Graduado em Letras pela Faculdade Cenecista de Osório. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mailto:rosrigues.tih@gmail.com ; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4620-0054

[2] Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador do Laboratório Geru Maã, núcleo Rekhet pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. higorcamargors@gmail.com ; ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2282-2833

family, and possibilities of self-definition from Pan-Africanism and African Womanism. Through our experiences, we will bring as we saw possible to exist in multiple and possible perspectives, resuming a process of self-nomination and self-definition, so that there is the beginning of a reontologization exercise.

Key-words: self-definition; african womanism; pan-africanism; reontologization; sexuality.

SANKOFA: AUTO NOMBRAMIENTO Y AUTO DEFINICIÓN EN EL PROCESO DE REONTOLOGIZACIÓN DE CUERPOS AFRICANOS HOMBRES QUE SE RELACIONAN AFECTIVAMENTE / SEXUALMENTE ENTRE SÍ

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo discutir la existencia de cuerpos africanos masculinos que se relacionan afectiva / sexualmente con otros hombres. Para excavar aquí en suelo diaspórico, respirando posibilidades para nuestras raíces africanas, posibilidad de renacimiento de nuestros Baobabs. Para que podamos iniciar un debate sobre nuestra pertenencia a la gran familia mundial africana, y las posibilidades de autodefinición y autodefinición desde el panafricanismo y el feminismo africano. A través de nuestras experiencias, vamos a traer como vimos posible existir en múltiples y posibles perspectivas, retomando un proceso de autonominación y autodefinición, para que se dé inicio a un ejercicio de reontologización.

Palabras-clave: autodefinición; womanism africana; pan-africanismo; reontologización; sexualidad.

SANKOFA: AUTO-NOMINATION ET AUTO-DÉFINITION DANS LE PROCESSUS DE RÉONTOLOGISATION DES ORGANISMES AFRICAINS HOMMES QUI SONT LIÉS AFFECTIVEMENT / SEXUELLEMENT LES UNS AVEC LES AUTRES

Résumé: Ce travail vise à discuter de l'existence de corps africains masculins qui ont des relations affectives/sexuelles avec d'autres hommes. Afin de creuser ici dans des sols diasporiques, des possibilités de respiration pour nos racines africaines, possibilité de renaissance de nos Baobabs. Afin que nous puissions lancer un débat sur notre appartenance à la grande famille mondiale africaine, et les possibilités d'auto-définition et d'auto-définition du panafricanisme et du womanisme africain. A travers nos expériences, nous allons amener comme nous l'avons vu possible à exister dans des perspectives multiples et possibles, en reprenant un processus d'auto-nomination et d'auto-définition, pour qu'il y ait le début d'un exercice de réontologisation.

Mots-clés: autodéfinition; womanisme africain; panafricanisme; réontologisation, sexualité.

O presente artigo vem no intuito de trazer experiências diaspóricas pretas/africanas de vivenciar uma sexualidade que desvia, no sentido de encontrar outros

caminhos possíveis, de uma norma heterossexual. Essa caminhada não começa hoje e não é inédita. Ela inicia com uma sensação de não pertença, uma sensação de não-lugar.

Na jornada acadêmica, vivemos muitas vezes presos às estruturas que repetidamente vêm sendo estudadas e discutidas pelo mesmo ângulo. O intuito deste trabalho é trazer à luz das discussões acadêmicas, através do olhar da Africanidade, uma discussão que é muito pertinente e pouco difundida: A existência de corpos africanos diaspóricos que se relacionam afetivo/sexualmente com outros corpos africanos diaspóricos homens.

Para trazer esse assunto de uma forma mais próxima à realidade do sujeito Africano Homem que se relaciona afetivo/sexualmente com outros Africanos Homens, usaremos a escrita em primeira pessoa em alguns momentos, amparado no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2006) e sugerindo uma quantidade de afeto maior ao leitor. A autora nos traz que, em uma escrevivência:

> O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, o sujeito da criação do texto. E, nesse sentido, afirmo que quando escrevo sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível (EVARISTO apud DUARTE, 2011, p. 115).

Assim, damos início à escrita com um disparador que fala um pouco de como finalmente colocamos no papel essa angústia.

Higor

Como eu me sinto bicha preta?

Enfrentei uma dificuldade imensa em descrever como me sinto bicha preta porque não tenho costume de falar o que sinto, nem o que sou, tão pouco como bicha ou mesmo quanto homem preto africano em diáspora. Quando mais jovem, entendia que meu corpo não podia conter feminilidade, mostrar fragilidade ou qualquer característica relacionada a "bicha" ou ao entendimento de "mulher" pra minha família e círculo de amigos.

Eu parto de um lugar onde foi necessário fingir ser alguma coisa que não me sentia ser para reafirmar meu lugar no mundo, eu fingia ser alguém que minha família e círculo

de amizades queriam que eu fosse (não os culpo). Então, denominar-me heterossexual, homem pardo e não preto, muito menos africano foi sufocante por muito tempo. Tenho dito, que renasci ao despir-me dessas violências e entrar em conexão com a Africanidade, obviamente o processo de descolonização do sujeito africano foi sendo um exercício diário.

Nós pessoas pretas de comunidade temos diversas demandas e uma delas é a sobrevivência. Mas afinal, de que sobrevivência estamos falando? Tal sobrevivência relacionada ao corpo físico e não ao metafísico. A demanda que a minha família tinha era suprir uma necessidade alimentar, ou seja comer para manter o corpo apto ao trabalho (observe a violência). Certo momento da minha vida, estava lendo um texto do psicólogo Lucas Veiga, que trazia uma passagem a qual me senti totalmente identificado: As diásporas da bicha preta. Quando Lucas Veiga mensura a ideia de que experimentamos duas diásporas, partindo da minha experiência a primeira diáspora foi entender-me em quanto homem gay e a segunda como homem africano em diáspora. Então quando Marcus Garvey diz em seu discurso que ocorreu na terceira Convenção Internacional Anual dos Povos Negros do Mundo, (1922) afirma que:

> Alguns deles afirmam que estão firmemente contra o movimento "De Volta à África", que não estão preocupados com a África e que não têm nada a ver com a África. E alguns deles são tão PRETOS quanto a ÁFRICA. Essa é a parte triste disso. Em alguns deles, você vê a África escrita ao seu entorno. E, no entanto, podem dizer-nos que não têm nada em comum com a África, simplesmente para permanecerem como indivíduos dispostos a continuar seus posicionamentos quanto à nós, quanto a África, tentando guiar vossos pensamentos. Convém que certas pessoas no mundo hoje falem depreciativamente da África, como é feito há muitos séculos. Esta propaganda de desassociar os negros ocidentais da África não é nova. É algo antigo. (GARVEY, 1922, s/p)

Portanto com essa afirmação de Garvey conseguimos perceber o porque nós pessoas pretas muitas vezes não nos percebemos como sujeitos africanos, nossas raízes são africanas, pois essa violência de não perceber-se como um Ser africano em diáspora é bastante comum na comunidade preta, essa dificuldade tem relação direta com a educação familiar, para além disso, com as heranças das violências do processo civilizatório (colonização) impulsionada de geração a geração.

As demandas são tantas que não sabemos por onde começar para dar conta, problemas de identificação e representação, problemas estéticos relacionados a solidão

do homem africano em diáspora que não "está nos moldes estereotipados", problemas de afeto, sexualidade e etc.

Otih

O lugar híbrido entre ser "negro e Gay", já vem sendo explorado e estudado por mim a algum tempo.

Uma grande dificuldade encontrada pela branquitude ao se deparar com o discurso de pessoas negras é entender que nossos discursos são polifônicos. Minha voz e minha escrita se descolam de mim e perpassam por um grande número de vivências. E mesmo marcando minha tonalidade de pele mais clara, meu meio intelectual, isso não impede que doa. E dói! Dói a ponto de mesmo recebendo vários elogios, e mesmo estando muito melhor do que eu estava ano passado, por exemplo, quando as ideações suicidas não saíam da minha cabeça e as tentativas falhas aconteciam silenciosamente, ainda dói!
Mas e o que é essa dor? Solidão!

E agora, a pergunta que fica pairando nesta escrita é: que solidão é essa que eu tanto falo, né? Pois bem, falo de uma solidão maior que estar recebendo poucos *likes* nas redes, ou de estar beijando bocas nas noites por aí. Falo de uma solidão possível e que parece que me espreita. Me vigia com os olhos carmim e a boca sedenta. Falo de uma solidão posta para corpos como o meu.

Falo de uma sensação de não ser bom e bonito o bastante pra poder ser desejado pelos "carinhas" que me cercam. Pois óbvio, não sou branco e não tenho o padrão objeto do corpo de "negro homem" a ser seguido. Afinal, cadê o bundão? Cadê os braços fortes e o corpo entroncado? Cadê meus traços "retintos" que vão garantir que as bichas ao meu redor imaginem que eu seja um "devorador" na cama?

Vocês entendem que: "a solidão nos espreita de todos os lados?"

Mas podem ficar calmos! Hoje, essa análise é feita com uma couraça. Antigamente teria de tomar altas medicações após o término desse texto. No entanto, agora, estou mais forte. Mas ainda temo ficar sozinho. Afinal, existem bichas pretas para amar e bichas pretas para se admirar, e eu sei o meu lugar.

Falemos mais sobre as relações que estabelecemos entre nós, bichas pretas, com a branquitude. Vamos falar de respeito entre nós! Vamos nos colocar em pauta. Se não,

seremos sempre os objetos abjetos e exóticos nesse jogo onde, ao final de tudo, acabaremos sozinhos."

Lugares Possíveis

Pensar em nosso caminhar fora do meio o qual estávamos acostumados a percorrer não é tarefa fácil. Sujeitos pretos que não estejam na categoria normativa heterossexual são vistos como um erro, muitas vezes inclusive associados a um contato direto com a branquitude. Isso é muito violento, pois nega nossa existência desde a raíz, despotencializando-nos enquanto homens africanos diaspóricos que se relacionam afetivo/sexualmente com outros homens.

Porém, cabem alguns questionamentos: Como foi a relação do Deus Set com o Hórus no Egito faraônico? Há registros de que na mitologia egípcia houve muitas referências de relações diretas ou indiretamente homoafetivas entre Horus e Set na passagem denominada a Grande Contenda . Emanuel Araújo (2000) traz essa passagem em sua obra "Escritos para e Eternidade".

O que são os Itans que mostram narrativas de relações homoafetivas? Nós existimos a muito tempo, tempos imemoráveis. Nossas existências não são inéditas aos olhos do mundo. Quando o filósofo afro-americano Asante diz que: "...I do not support homosexualism as a way of life for black people" (ASANTE, 2003, p.4), estamos expondo que dentro da Afrocentricidade há uma contestação da homossexualidade.

Cabe salientar que não estamos julgando o autor, não no sentido de o autor estar correto em suas palavras e sim no sentido de responsabilizá-lo pelas mesmas e as consequências delas dentro de uma corrente como o Pan-Africanismo, por exemplo. Além do mais é necessário começarmos a fazer o exercício de analisar a comunidade como um todo, percebendo que a homossexualidade é tão potente quanto a heterossexualidade. Potente no sentido de que ambas podem trazer resoluções aos problemas da comunidade africana diaspórica.

A afrocentricidade recusa a homossexualidade por vários motivos, e um ponto é a relação sexual reprodutiva. Além de tudo, a afrocentricidade diz que a homossexalidade no continente africano se deu a partir do "contato" com o Ocidente. Veja bem:

> Os egípcios com certeza tinham lá seus pudores, também com certeza diferentes dos nossos, mas a alusão ou a exibição de um caso de homossexualismo (sic)

> entre Deuses (Set e Hórus), que a nós pode parecer no mínimo desrespeitoso, manteve-se na tradição religiosa do período faraônico e sobreviveu até o ptolomaico. (ARÁUJO, 2000, p. 59)

Portanto, mesmo com uma carga de desrespeito, atrelado a nossas imagens, encarnadas em nossos ancestrais, podemos perceber a existência de relações afetivo/sexuais em Kemet, nome original do Egito, corroborando que no continente já experimentavam-se relações homossexuais.

Sabemos que fomos sequestrados de nosso lar, África, e trazidos para as Américas, sofrendo inúmeras violências pelo colonizador, violências essas que transcendem o corpo físico. Muitos de nós não sabemos as nossas etnias por conta desse sequestro dos nossos antepassados e, muitos de nós, não conseguimos admitir uma ancestralidade africana por estar imerso em um pensamento colonizante, epistemicida[3] e genocida.

A partir do momento que compreendemos a importância e a necessidade de começarmos o processo de descolonização, e entendemos que somos sujeitos com raízes fincadas em África, se torna possível a nossa coexistência, pensando uma existência ancestral e neste tempo, e um lugar, como uma possibilidade de autonomeação. Segundo a Dr. Clenora Hudson-Weems (1998) em seu texto *Nommo*, a Autonomeação e Autodefinição mensura:

> [...] assim, a necessidade crucial de autonomeação e autodefinição, um fenômeno de interconexão, torna-se definitiva, pois precisamos entender que, quando você dá nome a uma coisa particular, você simultaneamente lhe dá significado. Nommo, então, um termo africano que o teórico cultural Molefi Asante chama de "o poder gerador e produtivo da palavra falada", significa a denominação apropriada de algo que por sua vez lhe dá essência (Asante 17). (HUDSON, 1998, p. 2)

Esta ação não é apenas o movimento de mudar uma nomeação para outra, como a criação de mais uma categoria, e sim algo além disso, pois o Adodi, o Guardião da Porteira, entre outras nomeações africanas, não se tratam apenas de categorias ou de nomenclaturas, sim de uma função social e uma finalidade para sua comunidade.

Em diálogos com o professor Jayro Jesus, no ano de 2020 em um encontro com o grupo de Filosofia Africana da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) chamado Imó

[3] Leia mais em: (https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf)

Jé, o qual eu, Higor, faço parte, ele traz algumas indagações que nos auxiliam no movimento de Sankofar[4], nossa existência: *"o que éramos, o que fizeram de nós? O que somos e o que queremos ser?"*. Estas são indagações essenciais para buscar nossas raízes, entendê-las e necessárias para perceber que nossa construção de masculinidade e feminilidade foram criadas por uma lente não nossa. Essa lente racista/sexista pensa que o homem Africano, foi criado para ser um animal primitivo e violento; a mulher africana, serviçal e doméstica. Ambos com um arquétipo hipersexualizado para a satisfação puramente sexual da pessoa branca (FANON, 2008; BENTO, 2002).

Sabemos que em nossa sociedade há diferenças nas construções performáticas de gênero para pessoas brancas e negras. As mulheres brancas, em sua grande maioria, desde crianças se enxergam em bonecas delicadas e em desenhos animados, sendo as princesas das mais diferentes histórias. Já a mulher preta dificilmente se verá nesse lugar, tendo em vista que o lugar que sobra para essa mulher na infância é, na maioria das vezes, sua projeção sendo a empregada doméstica ou em papéis subalternos a essas princesas (GONZALEZ, 2018). Logo, cria-se estereótipos da mulher branca como sendo frágil, e a mulher preta forte e apta ao "trabalho pesado", isso quando não têm seu corpo hipersexualizado, sendo tratadas como "tipo exportação" remetendo às mulheres negras que na época da escravização eram vendidas para satisfazerem sexualmente os senhores da casa grande, e lhes é introjetado o sonho de ser a "Globeleza", sendo alimentado por toda a sua caminhada.

Com o homem acontece parecido, tendo em vista que mesmo que se exija um certo padrão de masculinidade. O homem branco, mesmo tendo a cobrança da virilidade aparente, ainda consegue o escape que lhe permite uma sensibilidade, uma certa educação, um certo refinamento, tendo em vista que os príncipes encantados são dotados dessas características "louváveis". No caso do homem preto, essa cobrança da virilidade é reforçada exponencialmente, pois as imagens que passam na grande maioria das vezes são de corpos exuberantes e torneados, encarnados em papéis subalternos a intelectualidade do homem branco. Obviamente aqui entra outro aspecto importantíssimo para fazermos essa distinção da construção de masculinidade: a hipersexualização do

[4]Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças que, segundo a filosofia do povo Akan, significa "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás". Em outras palavras, podemos ler como o retorno ao passado para ressignificar o presente. Este símbolo faz parte de um conjunto ideográfico, o adrinkra, que o povo da antiga Costa do Ouro (atual Gana), o povo Akan, concebeu, e que posteriormente, se espalhou pelo Togo, Costa do Marfim e países da África Ocidental. (CERQUEIRA, 2016)

corpo do homem negro. Uma leitura de uma sexualidade animalesca e primitiva, onde todas as características que são louváveis no homem branco desaparecem, dando espaço muitas vezes para um corpo para fins sexuais, apenas.

A construção de masculinidade no homem preto, conversando com o Ideal de heterossexualidade, aqui como um ideal estruturante do sujeito, é um fator importantíssimo ao pensar o sofrimento e a angústia causada por essa sensação de não-lugar. É como imaginar essa imagem projetada de si quebrada, com falhas na maneira como deveria existir já que os ideais de raça e sexualidade que o indivíduo construiu são totalmente desviantes do que se apresenta em sua realidade.

As consequências são sérias e agonizantes, necessitam ser pensadas, questionadas e trabalhar na busca de possíveis resoluções. Parece ser romântico falar em resoluções para a comunidade preta, em pleno o caos que enfrentamos no século XXI com corpos não-heterossexuais pretos sendo massacrados e exterminados pelo Estado. A comunidade africana em diáspora necessita de estruturas básicas como, ter o entendimento de suas raízes e entender que a homossexualidade não é inédita. Se reconhecer como pessoas Africanas, e cultivar o que bell hooks (2010) chama de "amor interior" e não "amor próprio."

> Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas (hooks, 2010, s/p)

Pensemos na realidade brasileira, meninos pretos com menos de 15 anos de idade morrendo sem mesmo antes de se pensarem homens, de pensarem sua masculinidade e feminilidade. Fica realmente muito difícil pensar em resoluções enquanto há o genocídio do povo preto. Tentamos não morrer e também "dar conta" desses estereótipos que foram "definidos" aos nossos corpos, como foi colocado logo acima (hipersexualização, animalização, brutalização...). Novamente, não estamos falando apenas de uma morte física, mas também epistêmica. Mas não perderemos a esperança, pois é preciso focar nas potencialidades que há na africanidade. É preciso entender que as categorias ocidentais não falam por nossos corpos.

Se despir dessas epistemologias é um caminho a ser trilhado, e que não é o "Norte", afinal, nosso caminhar parte de um berço original ao Sul. Cheik Anta Diop (1974) cria a teoria dos berços civilizatórios, que organiza e indica como surge o

povoamento histórico do Continente Mãe e da Europa. O autor aponta também, como vão se transmutando os valores Africanos nessa passagem ao Norte:

> Vemos, portanto, que passando do sul para o norte todos os valores culturais se transformam e se tornam polarmente opostos. Em linhas gerais, podemos dizer que a África antiga se opõe à Europa nas concepções da vida doméstica, estatal, filosófica e moral (DIOP, 1990, p. 129).

O processo colonial parte de um berço "Norte", logo não cabe a nós, corpos Africanos diaspóricos, nos definirmos a partir deste berço. Queremos com todo esse movimento Sankofa a descolonização e a emancipação do nosso povo, pois como Diop também indica, o berço Norte provém bem mais que apenas um lugar:

> A Europa é uma região deserdada se comparada à África e ao hemisfério Sul de maneira geral. Por esse motivo, as invasões sempre ocorreram do norte em direção ao sul, onde se disputava com os africanos os recursos do seu país. Desde os Aqueus – Povos do Mar – até os dias de hoje, essas invasões permaneceram ininterruptas. O africano não é um conquistador, é apenas na defensiva que ele se revela um bom combatente por adaptação vital. Foi o caso de Tutmosis III, na XVIII dinastia egípcia, após a invasão dos Hicsos; da rainha Candace, que no dizer de Estrabão possuía uma coragem para além do seu sexo; foi o caso de todos os resistentes nacionais do período colonial, a exemplo de Samory, Lat-Dior, Béhanzin, Rabah, El Hadj Omar, Mahdi e tantos outros. (DIOP, 1990, p. 129).

Tem extrema importância a compreensão de que homens africanos que se relacionam com outros homens, vivem desde o período faraônico, representados pelo Deus Hórus e Set. Essas representações indicam que há um lugar possível para nós, homens africanos em diáspora e esse lugar não é inferior ao que o Ocidente os colocou. Somos descendentes de Deuses, Deusas, rainhas e reis e isso nos faz potência.

Os Guardiães da Porteira e os Adodi

Há uma pluriversalidade de *Nommo* para os corpos africanos em diáspora, uma delas é O Guardião. Ao retomar a caminhada de nosso povo, nós voltamos ao Povo Dagara, que nos é apresentado pela ancestral Sobonfu Somé. Em sua obra: *O espírito da Intimidade,* Somé (2003) apresenta que no povo Dagara, povo este a qual ela fazia parte, tem uma identidade positivada ao corpo que se relaciona afetivo/sexual com o mesmo gênero.

> Os guardiães estão na divisa entre os dois sexos. São mediadores entre os dois. Eles garantem que haja paz e harmonia entre homens e mulheres. Se os dois sexos estão em conflito e toda a aldeia se envolve, os guardiãs trarão de volta a paz.

> Eles não tomam partido. Simplesmente agem como “a espada da verdade e da integridade. (SOMÉ, 2003, p. 139)

A autora diz que há dois grupos de Guardiões, ambos têm acesso aos dois mundos, material e espiritual, e outras dimensões. O primeiro grupo tem a habilidade de guardar um número limitado de portões para os outros mundos e esse limite é por conta da cosmologia Dagara (água, terra, fogo, mineral e natureza), o segundo grupo de guardiões tem a responsabilidade de guardar os portões, mas veja bem, eles estão em contato não só com os portões elementares como muitos outros.

Mergulhando nessas possibilidades de existência dos nossos corpos em uma perspectiva africana, podemos ter outra possibilidade de nomeação para um corpo africano homem em diáspora que se relaciona afetivo/sexualmente com outro homem que é o de Adodi. Adodi, vem do Iorubá, o sentido plural da palavra é Ado, ou Adofuro. Esse termo, na realidade tem um tom pejorativo, e significa algo como devorador anal. Na diáspora, esse termo está sendo ressignificado por irmãos de alguns países, através de uma organização que carrega esse nome. Segundo Alimi (2015):

> Por exemplo, no meu idioma local (iorubá), a palavra para "homossexual" é adofuro, um coloquialismo para alguém que faz sexo anal. Pode parecer insultuoso e depreciativo, no entanto, o ponto é que existe uma palavra para o comportamento. Além disso, esta não é uma palavra nova; é tão antiga quanto a própria cultura iorubá (ALIMI, 2015 s/p).

> [pronounced ah-DOH-dee]
> They ask us who we are. We proudly respond “We are ADODI.”
> We are same gender loving men of African descent who love men with dignity, honor and respect. (ADODI.ORG, 1986)

Podemos observar que esse termo remete a uma prática, que está inscrita na linguagem. Logo, não é algo pós-colonial nos povos Iorubanos.

Há um processo de ressignificação, assim como acontece com o termo “bicha”, onde homens que se relacionam afetivamente e sexualmente com outros homens, aqui no Brasil, sofriam diversos estigmas e essa palavra era utilizada como forma de hostilização desses corpos. Com esse trabalho de ressignificação, “bicha” hoje é utilizado como um termo brasileiro de potencialização dentro da comunidade LGBT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos homens pretos, falamos de corpos que, muitas vezes, não chegam a ser adultos e, por consequente, não conseguem ter a chance de pensar-se enquanto homens africanos, desfazendo-se do produto imagético que o Ocidente criou para esse corpo. É preciso questionar: como cobrar uma mentalidade saudável, uma homenidade não tóxica (responsabilizando uma episteme colonizante) desses sujeitos, sendo que na sua génese diaspórica nem mesmo tiveram e não têm a chance de se pensar enquanto seres humanos?

Este é um processo mais complexo do que se pode imaginar e com diversas problemáticas. Porém há escapes e possibilidades de identificações identitárias, nas quais podemos existir em um paradigma africano. Há em nós pluralidade, sem inferiorização.

Eu Tiago, sinto meu existir ligado ao ser Ado. Abandonando uma identidade "Gay", na qual me identificava e a qual era acolhido em um meio que não queria minha existência. Queria meu corpo, uma performance, algo que não era eu. Ser Ado, e viver em Adodi, expande quem eu sou, com quem me relaciono e como posso estar potente entre os meus. Me traz maneiras de existir, pertencendo ao meu povo e me alimentando do Espírito, que segundo Marimba Ani (1994), se traduz como a força criativa que une todos os fenômenos, para trabalhar na busca pela emancipação do povo preto, seja no Continente Mãe, seja na Diáspora.

Eu Higor, percebi uma possibilidade de existência na africanidade e de buscar quem eu quero ser, ainda continuo nessa busca de entender a sexualidade em uma perspectiva africana. Busco uma nomeação que contemple meu corpo, meu espírito e minha comunidade. A autonomeação não é somente e exclusivamente minha, a autonomeação é ancestral. Sigo existindo como um homem africano diaspórico que se relaciona afetivo e sexual com outros homens africanos com a finalidade de reorganização do povo preto.

Como já mensurado, a busca pela autonomeação/ autodefinição é um passo importantíssimo a se ter aqui na diáspora (MALOMALO, 2020), pois todas as possibilidades que temos de reconhecimento de nossas existências partem de um modus operandi Europeu, onde há uma sensação de não-lugar ou não pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADODI.ORG. Six principles of Adodi. Disponível em: < https://adodi.org/six-principles> Acesso em: Jun, 2020.

ALIMI, Bisi. If you say being gay is not African, you don't know your history. *The Guardian*, 9 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/09/being-gay-african-historyhomosexuality-christianity > . Acesso em: 23 de jul. de 2020.

ANI, Marimba. Yurugu: an African-centred critique of European cultural thought and behavior. *Trenton Africa World Press*, 1994.

ARAÚJO, Emanuel. As contendas entre Hórus e Set. In:_____. Escrito para a Eternidade: a literatura no Egito faraônico. Brasília, *UNB*, 2000. p. 152-172

ASANTE. Molefi Kete. Afrocentricity, The theory of social change. *African American Images*: Chicago, 2003.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. Psicologia social do racismo – estudos Sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: *Vozes*, 2002, p. 25-58.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: *UFBA*, 2008.

CERQUEIRA, Jessica. Memórias da África em ferro: A mensagem subliminar esculpida em antigos portões. Disponível em: < http://todosnegrosdomundo.com.br/memorias-da-africa-em-ferro-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes/>. Acesso em: Jun, 2020.

DIOP, Cheikh Anta. Alerte sous les Tropiques. Articles 1946-1960. Culture et développement en Afrique noire. Paris : *Présence Africaine*, 1990.

EVARISTO, Conceição. Depoimento. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: *editora UFMG*, 2011, v. 4, p. 103-116.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: *UFBA*, 2008.

GARVEY. Marcus Mosiah. Discurso apresentado na Terceira Convenção Internacional Anual dos Povos Negros do Mundo. Nova York: *periódico da UNIA*, Ano 1922.

hooks, bell. Vivendo de Amor. tradução Maísa Mendonça, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 10/06/2020.

HUDSON-WEEMS, Clenora. Nommo: Autonomeação e Autodefinição. 2018. Disponível em: <https://insurreicaocgpp.blogspot.com/2018/06/dr-clenora-hudson-weems-nommo.html>. Acesso em 12 jun. 2020.

HUDSON-WEEMS, Clenora. Africana Womanism: the flip side of a coin. Western Journal of Black Studies, The. *FindArticles.com*. 30 Jul, 2011. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_go2877/is_3_25/ai_n28890867/>. Acessado em 0 jun. 2020.

Lélia Gonzalez. "Racismo e sexismo na cultura brasileira," Arcaz: *Recursos Educacionais Abertos*. Disponível em:< http://arcaz.dainf.ct.utfpr.edu.br/rea/items/show/154> Acesso em 17 de julho de 2018.

MALOMALO, Bas´Ilele. Justiça teórica do matriarcado africano para se pensar a África contemporânea. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 31, dez 2019 – fev 2020, p. 48-71.

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: *Odysseus*, 2003.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bicha preta. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-diasporas-da-bcha-preta/ >. Acesso 02/06/2020.

Recebido 01/03/2021

Aprovado em 30/04/2021